

NARRAR A VIDA E A PROFISSÃO DOCENTE: VISÕES SOBRE OS PROCESSOS FORMATIVOS E AS SENSIBILIDADES

Caio Corrêa Derossi¹

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais

Luciana Rodrigues Leite²

Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

Relatos de experiência são utilizados como fonte de pesquisa e reflexão sobre as sensibilidades e os processos educativos que permeiam o ser-saber-fazer docente. Esses relatos foram tecidos como produto da participação das docentes em um curso de extensão. Elas elaboraram um relato de experiência com base em categorias teóricas abordadas no curso, fundamentadas em suas trajetórias (*auto*) *biográficas*. Isto posto, o objetivo deste ensaio consiste em analisar os relatos de experiência de duas cursistas de extensão no tocante às suas trajetórias autobiográficas, em especial os processos educativos e as sensibilidades envolvidas no ato de elaboração da narrativa. A pesquisa foi desenvolvida sob as lentes teórico-metodológicas da pesquisa autobiográfica em Educação e da história cultural, fundamentada na abordagem qualitativa de pesquisa. Gaia e Deméter são professoras nordestinas, pesquisadoras da área de Geografia, migrantes, e têm formação nas mesmas instituições. Suas narrativas evidenciam experiências formativas diferentes, que, clivadas pelas sensibilidades, as moveram para a reflexão acerca de suas práticas profissionais. Neste sentido, sublinhamos o potencial dos relatos de experiência na produção de conhecimento e na oportunidade de suscitar reflexão sobre os variados espaços formativos e os sentidos e significados produzidos pelos docentes para suas experiências formadoras. Ademais, o argumento de que o ato de educar deve considerar as emoções, os sentimentos e as sensibilidades, de modo que a educação deve ser adutora e transformadora, encaminhar para a reflexão da vida, do trabalho e da formação, ou seja, conduzir para fora de si.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa (*auto*) biográfica. História cultural. Relatos de experiência.

NARRATING LIFE AND THE TEACHING PROFESSION: VIEWS ON TRAINING PROCESSES AND SENSITIVITIES

ABSTRACT

Experience reports are used as a source of research and reflection on the sensitivities and educational processes that permeate being-knowing-doing as a teacher. These reports were produced as a result of the teachers' participation in an extension course. They drew up an experience report based on the theoretical categories covered in the course, based on their (self) biographical trajectories. That said, the aim of this

¹ Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Professor Efetivo da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), Muriaé, MG, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Miss Dinorah, 38, Safira, Muriaé, MG, Brasil, CEP: 36.883-064 / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9762-7392>. E-mail: derossi.caio@gmail.com.

² Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta do curso de Química da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús da Universidade Estadual do Ceará (FAEC/UECE), Crateús, CE, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Dr. José Furtado, s/n, Cidade Nova, Crateús, Ceará, Brasil, CEP: 63700-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1915-6462>. E-mail: lurrodleite@gmail.com.

essay is to analyze the experience reports of two extension course participants in terms of their autobiographical trajectories, especially the educational processes and sensitivities involved in the act of writing the narrative. The research was carried out through the theoretical-methodological lens of autobiographical research in education and cultural history, based on a qualitative research approach. Gaia and Deméter are northeastern teachers, researchers in the field of Geography, migrants, and trained at the same institutions. Their narratives show different formative experiences which, divided by their sensitivities, moved them to reflect on their professional practices. In this sense, we underline the potential of experience reports to produce knowledge and the opportunity to encourage reflection on the various training spaces and the senses and meanings produced by teachers for their training experiences. In addition, the argument that the act of educating must take into account emotions, feelings and sensitivities, so that education must be supportive and transformative, lead to reflection on life, work and training, in other words, lead outside oneself.

Keywords: Narrative (self) biographical research; Cultural history; Experience reports;

NARRAR LA VIDA Y LA PROFESIÓN DOCENTE: MIRADAS SOBRE PROCESOS FORMATIVOS Y SENSIBILIDADES

RESUMEN

Los informes de experiencias se utilizan como fuente de investigación y reflexión sobre las sensibilidades y los procesos educativos que impregnan el ser-saber-hacer como docente. Estos informes se elaboraron como resultado de la participación de los profesores en un curso de extensión. Elaboraron un informe de experiencia a partir de las categorías teóricas abordadas en el curso, basándose en sus trayectorias (auto)biográficas. Dicho esto, el objetivo de este ensayo es analizar los relatos de experiencia de dos participantes del curso de extensión en términos de sus trayectorias autobiográficas, especialmente los procesos educativos y las sensibilidades involucradas en el acto de escribir la narrativa. La investigación se llevó a cabo bajo el prisma teórico-metodológico de la investigación autobiográfica en educación e historia cultural, a partir de un enfoque de investigación cualitativa. Gaia y Deméter son profesores nordestinos, investigadores en el área de Geografía, migrantes, y fueron educados en las mismas instituciones. Sus narrativas revelan diferentes experiencias formativas que, divididas por sensibilidades, las movieron a reflexionar sobre sus prácticas profesionales. En este sentido, queremos destacar el potencial de los relatos de experiencias para producir conocimiento y la oportunidad de incentivar la reflexión sobre los diversos espacios de formación y los sentidos y significados producidos por los profesores en sus experiencias de formación. Además, el argumento de que el acto de educar debe tener en cuenta las emociones, los sentimientos y las sensibilidades, por lo que la educación debe ser solidaria y transformadora, llevar a la reflexión sobre la vida, el trabajo y la formación, es decir, conducir fuera de uno mismo.

Palabras clave: Investigación (auto) biográfica narrativa; Historia cultural; Relatos de experiencias;

PALAVRAS INICIAIS

A tessitura deste escrito está fundamentada nos escritos de Passeggi (2016) e Passeggi, Souza e Vicentini (2011), que ressaltam a possibilidade do uso dos relatos de experiência, na pesquisa (auto)biográfica, como objeto e instrumento para pensar os processos reflexivos e formativos descritos. Cumpre destacar que os autores fizeram a opção de padronizar os sintagmas nominais pesquisa (auto)biográfica e suas variações sem o espaço após o parêntese e sem mudança com relação a letras maiúsculas e minúsculas, em razão do paralelismo textual e das disposições teórico-metodológicas seguidas.

O texto também foi inspirado nas contribuições do Dossiê Temático Criações de mundos outros possíveis: pesquisas narrativo-biográficas e formação, publicado no número 57 da Revista Linguagem, Educação e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Em razão da sua pluralidade teórico-metodológica, o dossiê ofereceu uma série de contribuições analíticas para a produção do artigo. Assim, recorreremos ao relato de experiência como fonte de pesquisa, aliado ao pressuposto de que os afetos e as sensibilidades são marcas das narrativas, uma vez que as emoções são mobilizadoras dos modos de acessar e narrar as trajetórias em função de suas marcas experienciais.

É pertinente destacar o fato de que este texto acadêmico procede do curso de extensão Pesquisa Narrativa (Auto) biográfica docente: *aspectos metodológicos e formativos*, desenvolvido no segundo semestre do ano de 2023 para um grupo de professores de variadas regiões brasileiras. Com carga didática de 32h, o referido programa foi ofertado na modalidade remota e teve como proposta avaliativa a produção de um relato de experiência que privilegiasse discussões teórico-metodológicas acerca da pesquisa autobiográfica, com suporte em experiências de vida e/ou formação e/ou trabalho dos cursistas.

Isto posto, o objetivo do ensaio consiste em analisar o relato de experiência de duas cursistas de extensão no tocante às suas trajetórias (auto) biográficas em especial os processos educativos e as sensibilidades envolvidas no ato de formulação da narrativa. Teoricamente, nos fundamentamos em Cunha (2010) e Albuquerque Júnior (2021), para discorrer sobre a etimologia do termo educar e destacar a emergência de uma educação que conduza o sujeito para fora de si. Em adição, analisamos o papel das emoções nas representações que especificamos para a realidade, à extensão do tempo, baseado em precursores da história cultural, a exemplo de Burke (2005) e Pesavento (2012).

Metodologicamente, recorreremos ao método (auto) biográfico de pesquisa, sob fundamento da abordagem qualitativa em sua natureza descritiva. A fonte de pesquisa são os relatos de experiência de duas professoras, cursistas de extensão, analisados mediante as orientações dispostas por Souza (2014) na análise compreensiva-interpretativa.

Para termos de divisão da estrutura do artigo, excetuando-se as palavras iniciais e as considerações finais, o texto é dividido em três seções. A primeira trata de disposições

teóricas acerca da etimologia do ato de educar, em diálogo com os subsídios teóricos decorrentes da pesquisa (auto)biográfica e da história cultural; na segunda seção, efetivou-se o detalhamento metodológico da investigação e, na seção dos resultados, foi desenvolvida, *ab initio*, a caracterização descritiva do curso de extensão e do perfil das participantes, para, na sequência, analisar os excertos e paráfrases das narrativas docentes, com ênfase em aspectos que permeiam os processos educativos e as sensibilidades.

TECEDURA DE ALGUNS FIOS TEÓRICOS

Com arrimo nas considerações de Cunha (2010) e Albuquerque Júnior (2021), etimologicamente, o verbo latino **educar** - composto de dois radicais, *ex* que significa fora e *ducere* que corresponde a conduzir - harmoniza-se, de modo literal, à saída de si, por meio da experiência educativa. Albuquerque Júnior (2021) ressalta que, no senso comum, se partilha da ideia da educação como meio de conduzir para fora do caminho da ignorância, da escuridão, e que essa condução foi apropriada em seus diversos sentidos e significados à extensão da história.

Com efeito, a ação de educar conduz para uma transformação que parte de si, considera o inacabamento, a formação contínua do sujeito³ e as diferenças, as alteridades que há no mundo. Esta proposição dialoga com a perspectiva das investigações narrativas (auto) biográficas, uma vez que este processo de reflexão e de condução para fora de si é comparável ao que Josso (2007) retratou como um algo reflexivo e formativo, que parte das singularidades, em direção aos contextos macroestruturais. Em aditamento, a perspectiva de transformação, de coletividade e mudança contínua, inerentes ao ato de educar, correspondem, também, ao fenômeno de investigar e de se formar, posto no trabalho reflexivo das narrativas (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011).

Educar, tanto para quem educa, quanto para quem é educado, se vincula a uma mudança interior das próprias reflexões e reflete em um pensar contínuo no/sobre o mundo. Assim, resguardadas as devidas diferenças e proporções, quando se retorna à

³ Cumpre ressaltar que o termo **sujeito** é utilizado com suporte num entendimento de agente de ação e não de sujeição, cabendo, quando o sentido for o segundo, a explicação textual.

Antiguidade Clássica Ocidental, em especial à Grécia, os próprios conceitos de *areté*, *paideia*, que se referem, respectivamente, a formação ideal do homem grego, primeiro na instância da mitologia e segundo na qualidade de cidadão, bem como nas *paideias* próprias dos sofistas e de filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, vão conduzir para uma ideia de educar como guiar para fora (Chauí, 2004). Para a referida autora, a própria natureza do conhecimento filosófico, aqui sublinhada em razão do exemplo, promove uma condução para fora de si, haja vista que se desvincula de um saber mítico, em prol da sabença filosófica, da demanda pela *arché*, uma origem natural de todas as coisas, e depois pelo interesse nas questões humanas, balizadas pela lógica.

É interessante observar que cada modalidade de condução para o exterior, no sentido da experiência educativa, empenhava condições próprias. A *areté*, por exemplo, se referia a uma formação do homem grego com procedência na mitologia e histórias de tradição oral, enquanto a *paideia* dos sofistas encaminhava para uma formação com base na retórica e no convencimento, em prol da representação política na *pólis* grega. Para Sócrates, a *paideia* era representativa dos processos de maiêutica e dialética, Platão, por sua vez, postulava uma separação do mundo sensível em relação ao universo das ideias, enquanto Aristóteles, compreendia que a *paideia* se dava por um processo indutivo, cumulativo e de valorização do mundo sensível (Marcondes, 1997).

Evidenciamos, por oportuno, a ideação de que não é objetivo da composição ora relatada fazer considerações aprofundadas do conceito filosófico, mas, nos assentamos no seu exemplo para refletir sobre o modo como o entendimento etimológico da unidade ideativa educar permeia as acepções filosóficas de formação humana. Retomamos, *in hoc sensu*, elementos da Antiguidade Clássica Ocidental e outros recortes e/ou análises epistemológicas sobre as teorias do conhecimento na Filosofia - inatistas/racionalistas e/ou ambientalistas/empiristas – recorrendo, ainda, a filósofos como Kant, Heidegger ou Nietzsche, para ilustrar como essas ideias encaminham para o entendimento de que educar é conduzir a uma transformação para fora de si (Marcondes, 1997).

Procedida à digressão filosófica, com o intuito de traçar um horizonte exemplar, Cunha (2010) e Albuquerque Júnior (2021) desenvolvem a análise acerca da etimologia do vocábulo educar, sinalizando que condução para fora, de guiar para além de si, implica uma hierarquização assimétrica de poder que intenta moldar e/ou enquadrar o sujeito,

restringindo a experiência formativa. Assim, conduzir, guiar, introduzir, são verbos que retêm a ideia lógica de alguém que, por estar em outra posição, ensina, medeia e oferta outro conhecimento, visão diversa ao interlocutor. Implica, portanto, a relação de alguém que leva o outro que é conduzido, em uma lógica militarizada, de treinamento, como sublinhou Cunha (2010).

Esta conceição de educar, como moldar, cercear, sob a égide de competências e habilidades, é tomada por organismos internacionais atuantes nas políticas educacionais (Enguita, 1991), e é suscetível de ser relacionada com os caracteres rígido e punitivo relacionados a uma educação de matriz religiosa (Saviani, 2021). Remonta, ainda, à perspectiva histórica de educação direcionada à racionalidade técnica⁴, na qual o professor estabelece uma relação vertical com os alunos, não os considera em suas individualidades, contextos e saberes prévios, enquanto os processos de ensino-aprendizagem são efetivados por meio da transmissão, memorização e/ou dinâmicas comportamentais para se aprender (Zabala, 1998).

Em contrapartida, aqui postulamos é o estabelecimento de uma relação horizontal entre educador e educando, pois, conforme sinalizado por Albuquerque Júnior (2021), o docente deve encaminhar de maneira cuidadosa, responsável e comprometida a sua relação com o educando. A perspectiva assumida é de um professor no espectro da Psicologia humanista, que pensa os processos de ensino-aprendizagem (Rogers, 1973).

Isto assinala para a compreensão de que o professor não domina tudo, está se formando continuamente e, a despeito da sua experiência, ele é capaz de errar. No mesmo sentido, o docente não é o responsável único por produzir e conduzir a experiência formativa. Assim, educar implica também o reconhecimento das emoções, sensibilidades e aspectos afetivos, historicamente negados.

Quando volvemos à Antiguidade Clássica, divisamos o fato de que Platão já fazia distinção entre os mundos sensível e inteligível, com a alegoria do mito da caverna, para condenar as sensações, expressas como enganosas. Em ultrapasse a essa ideia platônica, Aristóteles, o polímata estagirita, que discordava de Platão no que concerne à

⁴ Obviamente, vale o destaque de que a perspectiva das narrativas (auto) biográficas se direcionam na contramão dos entendimentos preconizados pela racionalidade técnica em termos dos sujeitos e do processo educacional.

caracterização do mundo sensível, fazia restrições no tocante às emoções, visto que, para ele, as paixões encaminhavam para um estado de confusão, que impedia a parcimônia, o equilíbrio (Marcondes, 1997).

Desse modo, a emoção atrapalharia a condução para fora de si, nos moldes de uma condução, desigual e autoritária, consoante já retratado. Corroboramos, todavia, a compreensão de Albuquerque Júnior (2021) de que as emoções, o cuidado, os afetos e as sensibilidades são relevantes para a ação de ‘guiar para fora de si’, reconhecendo os distintos sujeitos e os inúmeros aspectos contemporâneos que nos perpassam.

Em semelhante intenção, é interessante pensar, com amparo no raciocínio de Miranda (2013), que as sensibilidades têm papel central de articulação, bem como de composição de saberes e de memórias, visto que o afeto é uma característica inerente ao ser humano, e, como tal, foi se esboçando culturalmente, a extensão dos tempos, nos *locis* científicos. Nas narrativas, os afetos e as sensibilidades estão marcados, de maneira explícita ou não, nos formatos de seleção e nos sentidos atribuídos aos relatos, porquanto as emoções mobilizam os modos de acessar e narrar as trajetórias, em decorrência das marcas experienciais. De efeito, o referencial da história cultural foi escolhido em razão de sua coerência com os relatos analisados, para se pensar as matérias dos afetos, sensibilidades e sentimentos.

No que tange à relação com sentimentos, sensibilidades e afetividades, sob a inspiração de uma propositura de Freire Júnior (2023), releva evidenciar que a experiência humana é clivada pelas sensibilidades, ao passo que as narrativas desvelam como tais episódios são significados e interpretados. Cumpre ressaltar que, noutras sendas do conhecimento, emoções, afetividades e sentimentos são objeto de estudo. Um exemplo é na área da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, notadamente nas proposições de Wallon (1975), que relacionou a dimensão da afetividade com o desenvolvimento humano. Esta relação acadêmica ora expressa, porém, não está proposta a discutir tais aspectos, mas lhe compete proceder somente a uma sinalização de reconhecimento.

Os aspectos abordados estão jungidos ao entendimento de Benito (2017) de reconhecer a relevância dos aspectos afetivos nas dimensões de formação escolar e profissional, possibilitando pensar as diversas modalidades como os elementos afetivos se

exprimem na vida e nos discursos. Então, na imaginação de Benito (2017), as emoções demonstram as práticas complexas e encarnadas nas representações e nas materialidades, às quais, por vezes, temos dificuldade de acessar, ora pelas especificidades das fontes e dos objetivos da pesquisa, noutras ocasiões por uma negação da afetividade, práticas cotidianas e trajetórias de vida como elementos formativos dos sujeitos e dos âmbitos de estudo. Pensando no quadro exposto por Benito (2017), o trabalho com a pesquisa narrativa (auto) biográfica vai se interessar, justamente, pelos aspectos fronteiriços por onde circulam as emoções na constituição dos sujeitos, além de reconhecer as marcas singulares nos projetos epistêmico-formativos.

Na área de estudos históricos, principalmente no que se refere à história cultural, autores como Burke (2005) e Pasavento (2012; 2007) ressaltaram as atribuições emocionais na contextura dos quadros das representações da realidade ao extenso do tempo. Cumpre evidenciar que este ensaio não propõe um adensamento historiográfico acerca da temática das emoções na história cultural, mas sim, tem o intento de se apropriar dos conceitos, em razão das características dos relatos analisados.

No juízo ora exprimido, estamos concordes com Gruzinski (2007), na ideiação de que, malgrado seja prática bem comum na produção científica, não se há de retirar os afetos e negar a sua complexidade, os alçando como antagônicos à intelectualidade. Os afetos compõem os sujeitos, suas preferências, escolhas e produções. Os sentimentos são parte do todo que compõe o docente e contribuem com a perspectiva de conduzir os alunos para fora, em conjunto e de maneira respeitosa.

Assim, a sensibilidade é compreendida com amparo na ideiação de Pasavento (2012; 2007) como uma maneira primária de compreensão da experiência e de conhecimento no mundo, em um dado contexto. As contribuições do referido autor sinalizam para o modo como as sensibilidades são gestadas e qualificam a realidade expressa pelos sujeitos, evidenciando, ao fim, como as emoções e as experiências significam as trajetórias e são objetos de estudos para as searas dos saberes parcialmente ordenados, segundo Herbert Spencer, no peculiar caso da Ciência Histórica.

Quibus in rebus, a finalidade aqui defendida para o ato educativo é reconhecer as subjetividades e as diferenças, propor relações mais horizontalizadas entre os sujeitos,

reconhecendo seus saberes e contextos de produção. Comungamos, portanto, da compreensão de Albuquerque Júnior (2021), para quem a atividade educativa deve ser adutora, que, em seu sentido epistemológico, segundo Cunha (2010), sinaliza para dois radicais, *ad* - fazer junto, e *ducere* - conduzir, guiar. Esses elementos remetem ao caráter relacional da profissão docente, além de tensionar o sentido de libertação, transformação e ampliação das possibilidades de se pensar, formular hipóteses, compreender e analisar as trajetórias, bem como contribuir com a formação do outro.

Este sentido adutor converge para a perspectiva das investigações (auto) biográficas, haja vista que o movimento de narrar, instaurado pela dinâmica de reflexão das memórias, experiências e sensibilidades, demanda propor um significado, habilitado a mudar ou estar em constante transformação, acerca de um dado na trajetória de vida, de formação e profissão, por exemplo. De tal sorte, com base na reconstituição da narrativa, é possível suceder a transformação ou libertação do sujeito e de seu olhar singular num contexto global (JOSSO, 2007).

Assim, o sujeito é compreendido na sua vasta gama de subjetividades (Lazzarato, 2014) e o ato de educar, dentre suas etimologias, prefixos, sufixos e radicais diversos, como instrumento para conduzir cuidadosamente para fora de si, respeitando os contextos e saberes de professores e alunos, haja vista a noção de que defendemos a educação de uma perspectiva adutora, de transformação e de libertação.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esta investigação recorre à abordagem qualitativa de pesquisa, em sua natureza descritiva, sob o aporte do método (auto) biográfico. Impende evidenciar que é reportado sobre o método (auto) biográfico, de modo mais adensado, nas seções que seguem. Quanto ao trato de cariz qualitativo, foram admitidas as contribuições de Bogdan e Biklen (2013). De efeito, a investigação agora sustentada é qualitativa, haja vista a preocupação com o processo e não com os resultados, pela consideração com os sujeitos, com os contextos e as trajetórias. Entrementes, em termos da natureza descrita, marca-se o encontro com o entendimento qualitativo por focar nas descrições dos processos e das narrativas.

A análise dos relatos e experiência das professoras cursistas acolita os pressupostos de Souza (2014), no tocante à análise compreensiva-interpretativa, que avalia o material (auto) biográfico em três fases. A primeira é de organização das narrativas, de acordo com os objetivos e pressupostos teóricos, enquanto a sequente remansa de leitura orientada do material (auto) biográfico, também respeitando a sinalização da teoria e dos objetivos. A derradeira é de produção do texto da pesquisa, com suporte nos relatos (auto) biográficos e em coerência com a perspectiva desta demanda. A terceira fase reforça a ideia da escrita, entre parênteses, do prefixo auto, mesmo avesso à regra própria da Língua Portuguesa, uma vez que o texto biográfico é matéria para a reflexão e outras elaborações.

O curso de extensão, retratado com detalhes na seção seguinte, se balizou na perspectiva do gesto educativo como condutor de uma transformação que parte de si em direção ao contexto macro, em articulação com o trabalho investigativo das narrativas (auto)biográficas, de modo que o professor ministrante do curso assumiu um papel de mediação humanista (Rogers, 1973), de colaboração para uma caminhada conjunta, reconhecendo os novos saberes e os conhecimentos prévios, dados das trajetórias.

Cumprе ressaltar que as cursistas assinaram, em formulário eletrônico, no modelo Google Docs, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atestando ciência acerca da possibilidade de uso dos relatos para a produção de textos científicos. Em adição, perspectivas de pesquisa com seres humanos são resguardadas no artigo, prezando pelo anonimato e cuidado para não acarretar nenhum tipo de prejuízo às participantes retratadas. Vale sublinhar, ainda, que a escolha pelos dois relatos sinalizou, em termos objetivos, para a mostra em um artigo, por exprimirem pontos de toque e de afastamento ante narrativas, que contribuíram para a análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste segmento, consta a descrição dos aspectos de organização e sistematização do curso de extensão, no intento de caracterizá-lo como o espaço que fomentou a produção dos relatos de experiência analisados. Ademais, também é expresso o perfil das cursistas que produziram o relato como um jeito de contextualizar o seu local de produção e oferecer mais elementos para as análises. Na sequência, após as reflexões suscitadas,

analisamos os relatos de experiências produzidos como atividade final do curso de extensão sobre a pesquisa narrativa (auto) biográfica.

Conforme exprimido na sequência, os relatos denotam sentidos do ato de educar, de conduzir e de educações adutoras ou não, além de apontarem elementos de memórias, experiências e sentimentos que clivam as trajetórias. As sensibilidades são retratadas com arrimo na perspectiva da história cultural, como retromencioado, em termos de suas caracterizações, que contribuíram para a análise dos relatos e são relatadas de modo mais adensado, também nesta seção.

O curso de extensão e o perfil dos participantes

Este curso de extensão se debruçou a pensar os aspectos formativos e metodológicos da pesquisa narrativa (auto) biográfica, e foi ministrado de setembro a dezembro do ano de 2023, com encontros quinzenais síncronos e remotos, pela plataforma *Google Meet*. O uso de tal plataforma foi pensado em razão da disponibilidade institucional e adequação com o modelo das atividades. O curso foi ofertado com suporte na ação de um grupo de estudos e pesquisas sobre narrativas (auto) biográficas em educação, sediado no curso de Pedagogia de uma instituição pública estadual de ensino superior. Tal instituição, na figura da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), certificou os cursistas concluintes.

As atividades do curso tiveram carga didática de trinta e duas horas, com metade deste tempo dedicado aos encontros síncronos e a outra metade para estudo dos textos indicados e produção do relato de experiência - proposta avaliativa final. Ante o exposto, é pertinente ressaltar o ato de que optamos pelo relato de experiência por dois motivos principais: a) seu potencial para mobilizar as discussões teórico-metodológicas do curso; b) por viabilizar, em termos éticos de produção de pesquisa com seres humanos – a chamada investigação *in anima nobili* - uma atividade que não precisaria de aprovações e cadastros nos comitês de ética e plataformas de pesquisa, haja vista que os cursistas relataram experiências próprias.

O curso teve como objetivo central identificar as contribuições teórico-metodológicas das narrativas (auto) biográficas na pesquisa educacional e, como objetivos específicos, introduzir o debate relacional entre as narrativas e a experiência; situar a

pesquisa (auto)biográfica no âmbito da abordagem qualitativa; e mostrar os conceitos de formação docente, identidades, aprendizagem, saberes da docência e desenvolvimento profissional, correlacionando-os com as narrativas. A atividade extensionista se dividiu em três eixos de conteúdo programático. O primeiro vinculou-se aos aspectos epistemológicos da pesquisa narrativa (auto) biográfica e a abordagem qualitativa. O segundo debruçou-se sobre os processos formativos com supedâneo nas experiências e das memórias, ao passo que o terceiro tratou dos aspectos metodológicos das investigações narrativas (auto) biográficas.

As leituras obrigatórias do curso foram: Passeggi (2016); Delory-Momberger (2012); Abrahão (2011); Passeggi, Souza e Vicentini (2011); Josso (2007) e Jovchelovitch e Bauer (2002). Foram lidos, também, excertos da dissertação do primeiro autor (Derossi, 2021) com a finalidade de pensar no instrumento da entrevista narrativa e das categorias de identidade, saberes, aprendizagem, formação e desenvolvimento profissional.

A abordagem metodológica do curso consistiu na exposição dialogada, de modo que, após breve exposição das temáticas e dos textos, por parte do mediador, abria-se o espaço para diálogo entre os cursistas, com a moderação do ministrante. Ocorreram oito encontros de duas horas de duração e intervalos de dez minutos entre a exposição inicial e o debate com os cursistas. Em termos de avaliação, transpondo a presença mínima em seis encontros e entrega da atividade final - critérios acordados entre os organizadores e os participantes para a certificação - a participação nos debates, via vídeo e áudio ou pelo *chat* de mensagens, constituiu-se como critério essencial para a avaliação. O último encontro teve como finalidade a partilha dos relatos de experiência e a divulgação de um formulário eletrônico de avaliação do curso, utilizado como fonte para a montagem do perfil das cursistas.

Convém evidenciar que todos os textos e materiais para leitura e organização do curso foram previamente compartilhados com os inscritos, via *e-mail*, havendo sido, ainda, instituído um grupo em aplicativo de troca de mensagens entre os cursistas e o mediador, para reforçar o diálogo e as partilhas úteis. O curso foi divulgado de modo digital e as inscrições realizadas no sítio institucional de atividades de extensão do estabelecimento de ensino superior à que o grupo de estudos e pesquisas se vincula. Foram abertas,

inicialmente, cinquenta vagas e, por demanda popular, estendeu mais vinte lugares. Embora as setenta matrículas tenham sido preenchidas, a média de frequência no curso foi de vinte e cinco alunos, e dezoito concluintes.

Vale evidenciar que este panorama quantitativo ilustra o alcance do curso e de suas particularidades, todavia, os aspectos numéricos não se constituem como foco deste estudo, haja vista que o nosso interesse reside nas narrativas e na abordagem qualitativa de investigação. A título de curiosidade, os cursistas inscritos adivinham das regiões Centro-Sul e Nordeste brasileiras, eram sobretudo profissionais da educação, mulheres, com formações variadas entre as licenciaturas e as pós-graduações *lato* e *stricto sensu*, em serviço, em formação inicial e já aposentados, mobilizados por curiosidade, por aplicação da pesquisa narrativa (auto) biográfica em investigações e interesse de formação contínua.

É importante ressaltar que, em função do debate estabelecido acerca da etimologia do ato de educar, o curso se orientou para uma condução para fora de si, de modo respeitoso, horizontal, com o ministrante assumindo o papel de mediador e, em acordo com a perspectiva (auto) biográfica, encaminhando para uma reflexão que visa à transformação, à libertação. Logo, dado o panorama acerca do curso de extensão, partimos para a apresentação do perfil das duas cursistas que terão em análise os seus relatos de experiência.

Para a manutenção do anonimato das cursistas, escolhemos nomes-fantasias para representá-las. A escolha ocorreu em função de ambas terem formações inicial e continuada na senda da Geografia. De tal modo, cada uma assumiu o nome de uma deidade da mitologia helenica ligada à terra, Gaia e Deméter. Segundo Vernant (2000), Gaia é conhecida também como deusa-terra, é uma divindade relacionada à riqueza do solo, à maternidade, e que, na mitologia, cumpriu um papel de vanguarda na criação do Olimpo. Já Deméter foi reconhecida como a deusa da agricultura, das terras cultivadas e da fertilidade do solo, uma vez que histórias fantásticas indicam que ela revelou ao homem as práticas de plantar e colher.

Gaia é uma mulher negra, de trinta e quatro anos, na época do curso, nascida no Estado da Paraíba e residente em Goiás. Todo o seu percurso de escolarização ocorreu na escola pública e cursou o magistério concomitante ao ensino médio. É licenciada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), possui especialização em

Educação Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e cursa doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Tanto no mestrado como no doutorado, seus interesses de investigação se encaminharam para as histórias de vida dos professores de Geografia. Gaia tem experiência em docência na educação infantil e na educação básica.

Deméter é uma mulher branca, de quarenta e um anos, na época do curso, também nascida no Estado da Paraíba e residente no Estado do Rio Grande do Sul. Licenciada em Geografia, também pela UEPB, tem especialização em Planejamento Territorial, na mesma instituição, e mestrado em Geografia pela UFPB, com ênfase na temática de sua especialização. Cursa doutorado em Geografia em uma instituição pública federal de ensino, e pretende estudar narrativas de vida de professores indígenas e/ou que atuam em comunidades tradicionais de uma região do litoral paraibano. Deméter tem experiência em docência na educação básica e no ensino superior nas redes pública e privada.

Como as informações foram produzidas mediante respostas de questionários, a montagem do perfil se diferencia, na medida em que as cursistas informam com maior ou menor grau de detalhamento os seus dados. O importante, todavia, é que o detalhamento oferecido enseja vislumbrar a constituição profissional e formativa das cursistas. Nessa contextura, conquanto as análises de perfil e os relatos de experiência se cruzem de modo mais substantivo na seção imediatamente seguinte, alguns aspectos são dignos de ser mencionados. O fato de serem mulheres nordestinas, pesquisadoras da área de Geografia, migrantes por pretextos pessoais e de estudo, e terem formação nas mesmas instituições, são fatos que as aproximam. Aspectos relativos a temporalidade, maternidade, intervalo dos períodos de formação e outras experiências idiossincrásicas demarcam sensibilidades que as distinguem.

Visões acerca dos relatos de experiências

Este módulo oferece os excertos e paráfrases dos relatos de experiência das duas cursistas de extensão, com posterior análise sob o prisma das narrativas (auto) biográficas e das sensibilidades, com procedência no referencial da história cultural, correlacionando

os relatos de experiência com as reflexões formativas e os sentimentos envolvidos. As narrativas das cursistas são expressas preconizando a integralidade do relato, ora em recuo, outras vezes no corpo do texto, a depender da extensão; em alguns momentos, porém, optamos por efetivar uma paráfrase acerca do narrado.

Gaia propôs um relato de experiência focado nas identidades docentes e em como se tornou professora. Assim, depois de breve discussão teórica acerca das narrativas, a cursista descreveu, com afeto, as memórias do ingresso na escola, ainda na infância, mediante indicativos de que sua escolha pela docência aconteceu antes mesmo da entrada no ensino superior. Ela narrou:

Eu costumo dizer que nasci para lecionar, que não saberia fazer outra coisa. Amo a escola e sua dinâmica, o ambiente da sala de aula, amo o fato de poder compartilhar um pouco do que aprendi ao longo da vida com outras pessoas, seja em uma conversa, em uma sala de aula ou em qualquer ambiente, eu nasci para compartilhar e isso me deixa muito confortável quanto à escolha da minha profissão. As memórias que tenho da minha infância, em sua maioria, estão ligadas à escola, não lembro muito de experiências que vivi antes dos 5 anos, que foi quando entrei na escola, no ano de 1996 [...] Neste sentido, antes mesmo de ingressar na escola, lembro que eu via meus irmãos mais velhos saírem para estudar e eu ficava brincando de escolinha, não me aceitavam nas escolas ainda, pois só aceitavam crianças a partir dos 6 anos de idade. Eu costumava brincar de dar aula para minhas bonecas, para minha irmã mais nova e até mesmo para os gatos de nossa família, fingia que todos eram meus alunos. Quando finalmente fui aceita na escola, em 1996, foi uma alegria, minha mãe conta que eu chorei para ficar na escola e a diretora se compadeceu da situação e me deixou estudar, mesmo faltando alguns meses para completar 6 anos. Comecei a estudar em julho de 1996, faria 6 anos em setembro do mesmo ano. O fato de meus irmãos já serem alunos da escola, facilitou a minha aceitação. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Depois desta representação de sensibilidade em prol do desejo de entrada na escola, Gaia trouxe uma questão social de sua família nas memórias, pois, apesar de sua escolarização básica e superior ter ocorrido em estabelecimentos públicos, nesta fase pré-escolar, ela estudou em uma instituição privada, conforme destacado no excerto abaixo:

É válido ressaltar que se tratava de uma escola privada, na época, lembro que a mensalidade era cinco reais, porém minha mãe não tinha condições de pagar para que eu e meus dois irmãos frequentássemos uma escola privada, no entanto, a diretora da escola nos deu bolsa de estudo e não pagávamos nada, pois minha mãe prestava serviços como diarista na casa da diretora. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Esta marca da lembrança é passível de ser pensada como um investimento familiar em prol da escolarização dos filhos, além de suscitar pontos de desigualdade de acesso à

educação infantil neste recorte de vida da cursista. Gaia continuou sua narrativa refletindo sobre o início da escolarização e a respeito da imagem da primeira professora, evidenciando, também, o modo como os docentes deixam marcas em nossas vidas.

Lembro que esse primeiro semestre de estudos foi empolgante, eu chegava da escola e queria falar todo tipo de coisa que aprendia, as palavras, experiências, queria compartilhar tudo em casa e com outras crianças da rua. Era um tempo muito bom, brincávamos tranquilamente nas ruas, ficávamos até tarde nas calçadas, tudo era muito diferente do que é hoje. Na escola, lembro que minha primeira professora era minha xará, tinha o mesmo nome que eu, era paciente e amável. As representações que tenho sobre ela em minha memória em muito contribuíram para me tornar a professora que sou, talvez não na personalidade calma, meiga, mas uma profissional apaixonada pela docência. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Novamente os aspectos sociais são elementos marcantes na trajetória de Gaia e suas narrativas demarcam sua origem humilde, advinda de família de classe trabalhadora e periférica, evidenciando, ainda, que os processos de escolarização e as brincadeiras de criança a encaminharam para a escolha pela docência, pois

Os anos iniciais do ensino fundamental eu cursei em uma escola pública, minha mãe já não era mais diarista na casa da diretora e dona da escola anterior, a escola também não ofertava o ensino fundamental, tratava-se de uma escola comunitária, de um clube de mães coordenado pela dona da escola e só ofertava a educação infantil. Meus irmãos mais velhos já precisavam ser transferidos, assim, minha mãe optou por nos matricular em uma mesma escola, para que pudéssemos ir juntos. Lembro que a realidade da maioria dos alunos desta nova escola era bem mais parecida com a nossa, alunos da periferia da cidade, de classe social baixa, filhos de trabalhadores rurais, de pequenos comerciantes e de situações de maior vulnerabilidade social, parecia que lá todo mundo se entendia e falava a mesma linguagem. Foram anos difíceis do ponto de vista econômico para a minha família, meus pais não tinham emprego fixo, mas lutavam para que não nos faltasse o básico para sobreviver e nos manter na escola. Minha casa sempre foi muito frequentada por vizinhos, amigos e familiares, sempre estava cheia. Eu amava quando os amigos dos meus pais ou vizinhos chegavam e traziam outras crianças, era a oportunidade de brincar de escolinha, por já estar em uma série mais avançada, eu já ensinava outras crianças a escrever pequenas palavras. Lembro de pegar revistas velhas de cosméticos que minha mãe vendia e usar como livros, fingia que era o meu material de professora e usava para copiar palavras com outras crianças, minha mãe sempre incentivava, emprestando canetas, doando revistas e folhas para que pudéssemos brincar. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

No próprio relato de experiência, Gaia explicita que o ato de narrar sobre o vivido instaura uma dimensão de reflexão que se comunica com as perspectivas de vida, formação e trabalho que ela possui hoje. Assim, ela narrou que:

Hoje, como adulta, vejo que todas essas experiências contribuíram um pouquinho para a minha formação enquanto docente, para constituir minha identidade e formar a profissional que venho me tornando ao longo dos anos, pois, compreendo que a formação ocorre ao longo da vida e em todas as circunstâncias. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Ainda sobre a reflexão, Gaia expressou que, embora mudanças de várias ordens aconteçam, alguns desejos e vontades permanecem, no sentido de pensar o desejo pela docência.

Nesse momento do ensino fundamental, eu já não brincava tanto de escolinha, meus momentos de lazer se davam mais na rua, em frente à minha casa com as crianças dos vizinhos, amava brincar de correr, esconde-esconde, pular cordas etc. O amor por ensinar e minha identidade de professora dos filhos dos vizinhos haviam sido esquecidos por um tempo, porém, o amor pelos estudos, pela escola e por aprender se mantiveram firmes. No ensino médio, tive que mudar de escola novamente, saí de uma municipal para uma estadual. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Gaia contou, também, sobre o seu ingresso em uma igreja evangélica, e destacou os contributos desta experiência em termos de socialização, de prática de oratória e do estabelecimento de relações interpessoais que continuaram por encaminhá-la pelos meandros da docência. No tocante ao ingresso na universidade e a opção pela Geografia, Gaia narrou que:

Em 2009 eu fiz o vestibular para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), meus professores do ensino médio nos incentivaram muito e isso nos impulsionou (eu e outros colegas da turma) a buscar avançar nos estudos, buscar uma forma de quebrar a realidade de famílias com pouco estudo e também buscar, de alguma forma, uma ascensão social por meio da educação. Não passei no primeiro vestibular, era clara a minha carência em alguns conteúdos ao fazer as provas. Em 2010 comecei a fazer magistério, um antigo curso de formação de professores, ser professora era meu desejo e queria realizá-lo de alguma forma e no mesmo ano também voltei a fazer o vestibular e passei em quarto lugar para a licenciatura em Geografia na Universidade Estadual da Paraíba. A escolha pela Geografia se deu não só por gostar deste componente do currículo, mas pela carência de aulas desta, pela carência de aprofundar nos temas, pela carência de materiais para que pudéssemos ter mais conhecimentos. Era uma disciplina que nem sempre tinha professores, o que gerava muitas aulas vagas. Apesar de todas as lacunas, escolhi ser professora de Geografia e foi uma das escolhas que mais me orgulho. As experiências da minha formação inicial e da minha prática docente narrarei a seguir, na próxima sessão. É pertinente ressaltar que todas essas experiências são narradas pela profissional que me vejo hoje, portanto, ressignificadas a partir da visão de mundo que tenho hoje, das crenças que possuo e dos referenciais teórico-metodológicos que contribuíram para a minha formação profissional enquanto professora de Geografia. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Ao final, Gaia retratou, novamente, como a reflexão instaurada no ato de narrar contribuiu em sua formação e desenvolvimento como pessoa e profissional. Sobre a docência, a cursista afirmou que, embora tenha passado por dificuldades de variadas ordens, sua formação e sua prática como professora encaminharam-na para o seu projeto existencial que retomava os seus desejos, vontades e sonhos de criança, pelo prazer da escola e pela lembrança dos professores.

Gaia retratou que, ainda na graduação, teve experiência com projetos de ensino e de iniciação à docência, além de lecionar na educação básica, em instituições privadas. O destaque que fazemos com relação ao reconhecimento narrado por Gaia é que essas experiências de docência, ainda na graduação, concederam-lhe o ensejo de aliar ensino e pesquisa, traçar uma trajetória para o mestrado e reconhecer que as histórias de vida dos professores de Geografia seriam objeto, método e teoria para as suas investigações. Assim, ela narrou que:

Durante a graduação, graças ao PIBID, pude começar minhas experiências com a pesquisa, participei de vários eventos, escrevi artigos e sempre buscava leituras acerca da formação docente. Isso me permitiu ingressar no mestrado, embora depois de muitas tentativas, em 2019 fiz a seleção para o mestrado em ensino de Geografia na UFPB e fui aprovada. Em 2020 comecei a pesquisar acerca da formação do professor de Geografia com o método (auto) biográfico. A experiência me permitiu ir além de entender as histórias de vida e constituição da identidade dos sujeitos pesquisados, mas também me permitiu refletir acerca da minha própria formação e identidade docente. Tanto que estendi a pesquisa para meu atual projeto de doutorado. Conhecer a possibilidade de trabalhar com histórias de vida me abriu um leque de possibilidades. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

A jeito de remate, Gaia reforçou o trabalho de reflexão inerente ao movimento de relatar a experiência. Segundo ela, isso lhe possibilitou atribuir outros significados às trajetórias e se sensibilizar quanto a sua constituição, pessoal e profissional. Desta maneira, ela narrou que:

Portanto, o trabalho com narrativas e histórias de vida me permitiu ressignificar as minhas experiências de forma articuladas, entrelaçando as memórias dos mais diversos momentos da minha vida, me permitiu também tomar consciência do porquê escolhi ser professora, de como sonhei em atuar nessa profissão e como ela me permitiu alcançar lugares que eu nem imaginava, que minhas condições financeiras jamais permitiriam. (RELATO DE EXPERIÊNCIA DE GAIA, 2023).

Em termos de interpretação, é pertinente ressaltar que os elementos postos no último excerto dialogam com os pressupostos teóricos que fundamentam as pesquisas narrativas (auto) biográficas, seja no tocante ao caráter reflexivo-formativo que permeia o ato de rememorar/narrar a experiência e/ou na compreensão de que o processo de formação se cruza com as trajetórias existenciais (Josso, 2007), haja vista a indissociabilidade da pessoalidade (pessoa) profissionalidade (profissional) docente, conforme destacado por Souza (2011, p.213), a seguir.

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto reflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas.

Ex-postis, considerando a etimologia da perspectiva de educar, foi perceptível que, para Gaia, os processos educativos e as relações que ela estabeleceu com os professores marcantes de sua trajetória revelam a tessitura de um processo que a encaminhou à transformação para fora de si. Em adição, o relato de experiência de Gaia evidenciou as particularidades dos processos de escolarização e de investimento familiar em prol da educação em famílias de camada popular (Nogueira; Romanelli; Zago, 2003) e sinalizou como é que a escolha pela docência ocorre antes mesmo do ingresso no curso de graduação (Valle, 2006; Lüdke, 1996), em uma espécie de antecipação da socialização da escolha.

Diferentemente da narrativa de Gaia, que percorreu sua trajetória formativa desde a infância, Deméter focou especificamente em suas vivências no ensino superior e nos movimentos em prol do ingresso no doutorado. Ela iniciou seu relato ressaltando a importância do movimento reflexivo das experiências em prol da formação. Esses elementos iniciais do texto são carregados de emoção, e simbolizam no título do relato de experiência – Quem acredita sempre alcança - a importância dos sonhos e da persistência para alcançá-los. Assim, ela narrou que:

Aquela garota que foi aprovada no vestibular para licenciatura em Geografia não imaginava que a mulher de hoje chegaria até aqui! São duas décadas que separam o tempo e o espaço desta que aqui relata um pouco das experiências as quais

entendo e elejo como significativas em minha vida profissional e pessoal, que a rememoração com reflexão sobre os fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, cujo o enredo faça sentido para o narrador, tem a capacidade, quando realizada com uma intencionalidade, de clarificar e ressignificar aspectos e dimensões e momentos da própria formação (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Deméter utilizou sua experiência como aluna especial em uma disciplina de pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para tensionar suas experiências formativas no ensino superior. Assim, ela destaca que:

Quando cursei a graduação na Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, já tinha vontade em fazer uma pós-graduação e logo em seguida consegui ser selecionada em uma especialização e dois anos depois no mestrado, no entanto, devido às demandas e ao cansaço físico e mental, além de outras prioridades definidas, o sonho de ingressar em um doutorado ficou adormecido durante dez anos. Neste período muitas vezes me senti incapaz de tentar as seleções, principalmente por ter decidido mudar de temática de pesquisa e pelo próprio afastamento da rotina acadêmica de leituras, encontros, eventos, etc. No entanto, em 2017, residindo em outro estado, Rio Grande do Sul, decidi me inscrever como aluna especial em uma disciplina que se aproximava do que eu pretendia pesquisar e apesar de ainda não está claro o que de fato eu queria, esta disciplina deu uma motivada para que eu voltasse a estudar e me inscrevi na seleção da pós graduação da UFRGS daquele ano, no entanto, devido à minha imaturidade na nova linha de pesquisa não consegui a aprovação. Em 2018, voltei a atuar em sala de aula, e em 2019 dei à luz à minha filha, essas questões influenciaram na mudança dos meus planos em se inscrever no processo seletivo, pois minha prioridade neste período estava exclusivamente voltada para os cuidados da minha filha recém-nascida o que se estendeu praticamente até o ano de 2021 (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Um ponto interessante que Deméter destacou foi sua aproximação com a pesquisa narrativa. Tal como Gaia, esta não foi uma procura planejada e/ou com conhecimento prévio. Para Deméter, a aproximação entre a pesquisa narrativa e o ensino de Geografia se configurou como um novo desafio, visto que suas formações anteriores focaram questões relativas ao planejamento territorial. O leitor também percebe que, diferente de Gaia, que teve um menor espaçamento entre as etapas de formação, Deméter, pelas razões já apontadas, se distanciou por duas décadas do ambiente universitário. *In hoc sensu*, sobre a aproximação com a pesquisa narrativa, Deméter narrou que:

Em 2022, já adaptada com a maternidade retomei os estudos e me inscrevi novamente como aluna especial em uma disciplina que estava relacionada ao ensino de geografia, formação de professores e (auto) narrativas biográficas. Esta temática, sobre narrativas, até então era algo desconhecido para mim e que não me despertava interesse, mas como era a única disciplina disponível na linha de Ensino de Geografia daquele semestre acabei optando por ela e no transcorrer das aulas fui me afeiçoando por esta temática que se tornou meu foco de interesse.

Esse movimento possibilitou meu reingresso como estudante e ampliando meu repertório acadêmico (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

No trecho seguinte, Deméter explicita a condução da professora na disciplina, e nos faz suscitar, com base na reflexão teórica da etimologia do termo educar, que aquela professora conduziu o processo educativo de maneira respeitosa, em especial para ela:

A cada aula minha curiosidade sobre o assunto aumentava gradativamente, os textos sugeridos me fascinavam assim como os debates ocorridos em aula. A professora ministrante da disciplina também teve esse papel em fazer com que as aulas fossem atrativas e sua didática em conduzir os debates me faziam refletir a forma como eu conduzia as minhas aulas e muitas vezes me pegava pensando em modelar algumas de suas práticas. No processo de aprendizagem o papel do professor é de grande importância (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Deméter também sublinha como o fato de participar das disciplinas de pós-graduação se efetivaram em um processo relacional e formativo, que a colocava mais animada e próxima do sonho do doutorado:

As aulas desta disciplina possibilitaram também trocas com os demais colegas, as aulas eram bastante participativas e a maioria eram alunos regulares da pós-graduação. Tive oportunidade de ouvir sobre os projetos de pesquisa da turma e muitos deles utilizavam o método autobiográfico como técnica de pesquisa, alguns com a pesquisa em nível avançado e outros em estágio inicial ainda ponderando se de fato iriam usar esta metodologia. Todos estes elementos influenciaram no delineamento do meu futuro projeto de pesquisa. E hoje, com o pré-projeto elaborado, posso perceber que assim, estas imagens-lembranças do presente, deslocam-se acionando as regiões do passado, tornando-as dinâmicas, no instante em que a pessoa, faz contato com uma imagem similar. No meu caso, posso perceber que ao ser exposta novamente a um ambiente no qual fala-se sobre o que eu pretendo pesquisar – Curso de extensão sobre narrativas – correlaciono/aciono as aprendizagens/memórias ocorridas em ambos ambientes/espacos (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Nesse contexto, Deméter reforça que a elaboração do relato de experiência fez com que ela refletisse acerca das aproximações entre as trajetórias de vida e os demais espaços formativos, contribuindo para a sua constituição, pessoal e profissional:

As leituras dos textos propostos na disciplina sempre nos levavam a reflexões e novas maneiras de compreender a importância de se revisitar as nossas histórias de vida, e nesse processo recorremos às nossas memórias que está correlacionada com a nossa constituição humana, elementos estes que eu não tinha ainda consciência. Compreendi que o acesso às nossas metamemórias é feita com uma intencionalidade atrelada a uma necessidade momentânea, dessa maneira a construção/reconstrução da memória muda de acordo com o momento de acesso e sua exteriorização reflete diretamente na construção de nossa identidade que se dá na relação com outros indivíduos. A partir desta compreensão comecei a

refletir sobre as memórias que eu selecionava quando, por exemplo, relatava sobre a minha escolha pela docência. Passei também a refletir/observar mais sobre como a minha identidade docente foi sendo constituída e consequentemente a admirar e ter orgulho deste processo. Ter a clareza de que as identidades não são fechadas e estão em constante modificação me deu a possibilidade de a partir destas novas vivências modificar aquilo que eu não tinha orgulho na minha atuação profissional e sair em busca daquilo que eu prezo como características importantes no ato de ensinar. (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

A cursista retomou suas participações nas disciplinas e os percursos nos quais obteve erros e acertos, se concretizando com a sua aprovação no curso de doutorado em Geografia:

Foram inúmeras as situações no decorrer da disciplina que me fizeram a ter retomadas de consciência, momentos charneiras que influenciaram na minha decisão em elaborar um projeto de pesquisa, na área de ensino de geografia, ideia essa eu já havia pensado, mas não tinha posto em prática, mas a novidade que contribuiu na consistência da ideia foi a possibilidade em trabalhar com o método (auto) biográfico na minha futura pesquisa. A partir de então, comecei a me dedicar e a estudar mais sobre o método, mesmo após o término da disciplina que ocorreu no primeiro semestre de 2022 e partir disso consegui delinear algumas ideias para elaboração no projeto, mas que apenas foi concretizado em 2023. Parti então para me inscrever nos processos seletivos que também foram espaços de significativas aprendizagens. O primeiro programa que abriu as inscrições neste ano e que tinha a possibilidade de eu cursar, caso fosse aprovada, foi o da UFRGS. O processo de seleção foi longo e um pouco desgastante para mim, pois mesmo com todo esforço não consegui ser classificada, apesar de ter ficado com uma maravilhosa média. Posteriormente me inscrevi concomitantemente em mais dois programas, na UFG e UFPB, os quais obtive resultados favoráveis, sendo aprovada e classificada em ambos os programas. Ver a concretização do esforço através da aprovação me deixou muito feliz e confesso que também influenciou positivamente em minha autoestima. Durante muitos anos não me enxergava capaz de cursar um doutorado e todas estas experiências relatadas compuseram a base necessária para que eu pudesse ter conseguido (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Deméter ressaltou a reflexão própria das narrativas, relacionando suas sensibilidades nos processos formativos. Assim, ela narrou que:

Hoje após ter transcorrido estas experiências, este ato de relatar o processo percorrido até chegar aqui, torna ainda mais evidente a necessidade de sempre ir em busca do aperfeiçoamento e consequentemente se tornar um melhor profissional. Ao resgatar as nossas vivências, mesmo que seja apenas um recorte, evidenciamos as nossas potencialidades e quando esta é feita acompanhada de um ato reflexivo, reconfiguram as atitudes que precisam ser melhoradas. A partir deste resgate pessoal, de ouvir as histórias de vida dos demais colegas (na disciplina tivemos a oportunidade em narrar nossos itinerários familiares e escolares) e de ter conseguido retomar o interesse pela pesquisa tem influenciado significativamente em minha autoformação, do reconhecimento do meu lugar como professora e até das minhas projeções futuras. O compartilhamento de

nossas vivências e experiências, permitiu um espaço para que as reflexões sobre as nossas próprias experiências se tornassem elementos fundamentais para nossa formação e desenvolvimento em vários âmbitos. É incrível perceber que passei por estas transformações a partir dessas oportunidades o que corroborou para que eu fosse aprovada nos processos seletivos do doutorado e apesar de saber que ainda existe um longo caminho a percorrer, provavelmente acompanhado de inúmeros desafios, todas essas questões me fizeram acreditar que sempre é tempo de recomeçar e com esforço, humildade em reconhecer as fragilidades, se espelhar nos exemplos dos pares, podemos conseguir realizar muitos sonhos e objetivos. E mesmo que estes estejam adormecidos por um tempo, podemos reavivá-los e como diz Renato Russo em sua canção “Quem acredita sempre alcança” (RELATO DE DEMÉTER, 2023).

Conforme disposto anteriormente, algumas semelhanças saltam entre as narrativas, a exemplo de: serem mulheres, advindas de um mesmo estado, com passagem por semelhante instituições e cursos, migrantes, professoras-pesquisadoras da área de ensino de Geografia, com ênfase nos interesses pela pesquisa narrativa, para citar algumas. Tanto Gaia quanto Deméter não dicotomizam ensino e pesquisa, concebendo, desde suas trajetórias, o professor como pesquisador (Sacristán, 1995; Moita, 2014). Como esperado, entretanto, algumas diferenciações se mostraram, como as escolhas pelas experiências narradas, a ênfase na questão social da família, a maternidade e os lapsos entre os segmentos formativos.

No tocante ao relato de Deméter, percebemos um movimento, tal como de Josso (2007), de compreender as histórias de vida como um caminho para se pensar nas transformações de si. Esta dinâmica de Deméter, também, é passível de ser pensada com base em Abrahão (2011) na configuração de imagens, de recordações e de memórias, interessadas, selecionadas e sensíveis, que impactaram as trajetórias em direção ao doutorado.

Ao fim, também pensando com base em Abrahão (2011), as narrativas são produzidas dentro de uma tridimensionalidade do tempo, do espaço e dos sujeitos, constituindo-se como uma possibilidade de refletir sobre o passado, o presente e o futuro, em uma dinâmica representada, tanto por Deméter, quanto por Gaia, em prol das suas trajetórias. Logo, os relatos de experiência possibilitam pensar como as duas cursistas significaram, desde as sensibilidades e dos movimentos cotidianos, uma gama complexa de sentimentos que as mobilizaram em prol de dinâmicas para o estudo e que serviram de lentes teórico-metodológicas para as suas produções epistemológicas.

As narrativas se configuraram como material potente para refletir sobre a tradução e significação dos sentimentos e das emoções, conforme destacado por Pesavento (2012; 2007), uma vez que sinalizam como as experiências emocionais e sensíveis colaboram para dar formato e significado a uma determinada realidade. Os relatos de experiência das cursistas estão impregnados de recortes das experiências e memórias afetivas que serviram como um guia reflexivo de condução para fora de si.

Demais disso, pensar as emoções não exclui os aspectos objetivos, históricos, materiais, espaciais e econômicos da nossa realidade, uma vez que o sensível é pensado de modo contextualizado com a cultura e a sociedade. Assim, os sentimentos refletem, em parte, como marcou Pesavento (2007), valores globais, haja vista representarem um modo de marcar a existência própria e as relações com as alteridades e as desigualdades.

Deste modo, retomamos Miranda (2013) para evidenciar que as investigações narrativas (auto) biográficas, na nossa adaptação, são suscetíveis de contribuir para uma educação das sensibilidades, na medida em que consideram os aspectos múltiplos e dialógicos entre os indivíduos, a sociedade, os tempos e os espaços. Os relatos de experiência articulam e são, ao mesmo tempo, instrumentos e objetos que ensejam refletir sobre sentimentos, alteridades e outros tantos aspectos que se misturam com as práticas formativas e percursos de vida. Logo, desde o exercício teórico e da análise dos relatos, observamos que os sentimentos são integrados com a intelectualidade, pois dão significado, sentido, ao exercício contínuo de reflexão da vida, do trabalho e da formação.

As emoções contidas nos relatos de experiência possibilitam dar visibilidade aos corpos, às carnes, como exprimiu Albuquerque Júnior (2023), uma vez que as experiências e os sentimentos ocorrem nos espaços-tempos, mas são sentidos nas peles, demarcando a importância da subjetividade e das marcas que, no caso, revelam os sentidos de ser mulher, de partir de uma região geográfica comum e os desafios de estar na universidade e na pesquisa.

Deste modo, analisar as narrativas (auto) biográficas, considerando o âmbito das emoções, abre um ror de possibilidades em termos da reflexão sobre a formulação do conhecimento e a produção dos significados para os relatos acerca dos processos de escolarização, das aprendizagens e dos demais atos constitutivos do ser. A pesquisa

(auto)biográfica, por tecer suas considerações acerca de temáticas diversas, partindo das vidas e dos contextos cotidianos, contribui para considerarmos as emoções inseridas no processo formativo.

A emoção – é preciso exprimir - é um ponto central na significação no contexto das experiências e das memórias, pois marcam e significam determinados trajetos que potencializam a ideia formativa para o sujeito. Isto posto, não se há de negar que as sensibilidades constituem os seres humanos e se configuram em uma relação indissolúvel com outros aspectos dos sujeitos, marcando a complexidade do ser em relação às alteridades e os desafios contemporâneos da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto que estamos findando de relatar tem como objetivo central compreender e analisar o relato de experiência de duas cursistas de extensão no tocante às suas trajetórias (auto) biográficas, em especial, aos processos educativos e as sensibilidades envolvidas no ato de formulação do relato de experiência. Para tanto, propomos, em primeiro plano, uma elaboração teórica acerca do ato de educar. A escolha, inspirada em Cunha (2010) e Albuquerque Júnior (2021), retomou a etimologia do termo educar para refletir sobre este processo que encaminha uma condução para fora de si. Nesta intenção, alguns apontamentos acerca da Filosofia da Educação foram sinalizados, com o intuito de pensar que este significado de guiar, de conduzir para fora de si, com as devidas idiosincrasias, já existia desde a Antiguidade Clássica Ocidental.

O ato de educar sempre esteve relacionado ao processo de condução dirigido à alteridade, ao novo, e permeado por uma assimetria nas relações de poder, que, nos distintos tempos da história, foram acentuados ou não. Como, entretanto, sinalizado no texto, os sentidos de educar devem preconizar um professor mediador, que guia de maneira respeitosa e consciente de seus limites, e que considera os aspectos das sensibilidades e das trajetórias singulares nos processos formativos.

Ademais, também partilhando dos sentidos etimológicos, foram mostrados e questionados os entendimentos acerca dos tipos de condução que poderiam ser imaginados para o ato educativo e, por conseguinte, o papel do educador. Defendemos,

com supedâneo num conjunto de autores de nomeada, que este movimento de educar deve considerar as emoções, os sentimentos e as sensibilidades. Também foi marcado que o professor deve assumir um papel cuidadoso de orientação na condução, apossando-se de sua formação contínua e de seus relacionamentos com os interlocutores.

O artigo considerou que a condução para fora de si é tomada sob os moldes da racionalidade técnica-instrumental, negando as emoções e subjetividades, como se observou historicamente no terreno educacional. Novamente, contudo, a defesa de uma educação adutora, transformadora, que encaminhe para a reflexão da vida, do trabalho e da formação foi a via postulada. Cumpre ressaltar que, dentro da proposta de reflexão epistemológica do sintagma educar, enquanto conduzir para fora de si, além de se encaminhar para uma proposta de reflexão que marca a pesquisa (auto)biográfica, este processo educativo também foi pensado no âmbito do curso de extensão, contexto de produção dos relatos de experiência.

No tocante aos relatos de experiência de Gaia e Deméter, observa-se é que a confluência e a divergência de escolhas e das trajetórias das duas docentes ofereceram visões que cruzaram as singularidades com aspectos objetivos e sociais dos percursos nos quais elas formaram e foram formadas; assim, os processos formativos foram pontos de reflexão para elas e suscitaram análises diversas. E a reflexão, as memórias e a própria significação das experiências, deixaram à vista as marcas das sensibilidades, que se imiscuem com as proposições teórico-metodológicas da educação e da história propostas.

De efeito, o artigo uniu as perspectivas das investigações narrativas (auto) biográficas com os referenciais da história cultural, para refletir sobre os relatos de experiência de duas cursistas de extensão com relação às suas trajetórias (auto) biográficas, em especial, aos processos educativos e sensibilidades. Identificamos, portanto, que as emoções e as sensibilidades são matérias de primeira importância na constituição dos relatos, pois, além de expressarem os sentimentos quanto aos percursos desenvolvidos, compuseram um crivo de análise e de escolha das experiências retratadas.

O ensaio, então, sinalizou para a potencialidade heurística e hermenêutica dos relatos de experiência, na qualidade de fonte para a pesquisa narrativa (auto) biográfica e como a história cultural está apta a ser um aporte para o estudo das sensibilidades e dos

processos formativos expressados nos relatos. Destarte, demonstrou-se que, desde uma atividade final de um curso de extensão, produzem-se conhecimentos a respeito dos processos formativos e das sensibilidades sob a óptica das narrativas (auto) biográficas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re) significação das imagens lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Conduzidos para fora de si: a experiência educativa como produtora de alteridade e desigualdades. In: SÁ, Elizabeth Figueiredo; PINTASSILGO, Joaquim; CASTRO, César Augusto. **Alteridades e Desigualdades nas práticas educativas**. Cuiabá: EDUFMT, 2021. p. 33-49.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O corpo docente e o corpo discente: o ensino e a aprendizagem como práticas que envolvem e implicam as carnes e não apenas as mentes desencarnadas e corpóreas. In: GABRIEL, Carmen; MARTINS, Marcus; ANDRADE, Juliana (org.). **Aprendizagem e avaliação da história na escola: questões epistemológicas**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2023.

BENITO, Augustin Escolano. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sara. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. 12. ed. Portugal: Porto Editora, 2013.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.dez. 2012.

DEROSSI, Caio. **Desenvolvimento profissional e aprendizagem da docência na supervisão do estágio curricular em História: narrativas de professores da Educação Básica**. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. Dissertação (Mestrado em Educação), 404 f, 2021.

ENGUITA, Mariano. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

FREIRE JÚNIOR, Josias. A presença da afetividade na formação histórica: sentido, sensibilidade e sentimento. **Tempos Históricos**, v. 27, n.2, p.95-126, 2023.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (org.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In.: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113. 2002.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: N-1, 2014.

LÜDKE, M. Sobre a socialização profissional de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 99, p.5-15, nov. 1996.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MIRANDA, Sonia Regina. Formação de professores e ensino de História em limiares de memórias, saberes e sensibilidades. **Revista História Hoje**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 149-167, 2013.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2014. p. 111-140.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família & escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3993/399360926022.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (org.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

REVISTA LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. **Dossiê Criações de mundos outros possíveis: pesquisas narrativo-biográficas e formação**, v. 28, n.57, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/issue/view/351>. Acesso em: 22 mar. 2024.

ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. Trad. de Edgard de Godói da Mata Machado e Márcio Paulo de Andrade. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

SACRISTÁN, José Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8707>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional ou deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 176-187, maio/ago, 2006.

VERNANT, Jean-Pierre. **O Universo, os Deuses, os Homens**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Ed. Estampa, 1975.

ZABALA, Antonio. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HISTÓRICO

Submetido: 11 de Mai. de 2024.

Aprovado: 28 de Nov. de 2025.

Publicado: 26 de Jan de 2026.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

Derossi, C. C; Leite, L. R. Narrar a vida e a profissão docente: visões sobre os processos formativos e as sensibilidades. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 30, n.62, 2026, eISSN:2526-8449.